

Em busca de suas criaturas

Everton Bonfim

PERSONAGENS

Autor

Marido

Grávida

Moleque

Traficante - Travesti

Ceará (Dono do boteco)

Zeca (Sambista)

Pedro (Sambista)

Mônica (Pesquisadora)

Carmelita (Prostituta)

PRÓLOGO

(O marido está sozinho no teatro ensaiando).

Marido – De novo, mais uma vez, não ficou bom. De novo, mais uma vez, não ficou bom. “não ficou bom, o caralho!” De novo, mais uma vez, não ficou bom. Ahhh... eu não tenho paciência pra isso não! (ajeita os livros)... e no final da estória os cara tão tranqüilo, os fracassado da vida. Tão aí fora, comendo, bebendo, se divertindo. Às custas de uma pessoa que nunca aparece nessa porra de estória.

(O autor está escondido na platéia assistindo ao ensaio)

Autor – Por que não? Eu estou aqui!

Marido – Quem é você mano?

Autor – Eu sou o autor dessa estória. Mas continue...

Marido – O que você está fazendo aqui cara?

Autor – Como o que você está fazendo aqui? De quem você acabou de falar?

Marido – Dos fracassados.

Autor – Não. De quem você falou por último?

Marido – De uma pessoa que nunca aparece nessa estória.

Autor – Pois então, quem é essa pessoa?

Marido – Eu vou saber, ela nunca aparece.

Autor – Como não sabe? E você nem imagina quem seja? Que porra de ator é você, que não sabe nem o que está falando e muito menos com quem está falando?

Marido – Qual é cara? Isso eu ainda vou descobrir. Eu ainda estou em processo de criação do personagem. Além do mais, pra que a pressa? Eu ainda nem estreei o espetáculo!

Autor – Por que estreei? Cadê os outros personagens?

Marido – Você não tá sabendo?

Autor – Do quê?

Marido – Os outros personagens fugiram, criaram vida e zarparam.

Autor – Como assim criaram vida?

Marido – Criaram vida, criaram corpo. Foram viver suas estórias lá fora, no mundo real. Por isso, tive que adaptar o texto para um monólogo. Você sabe o que é um monólogo cara? Incluí até umas falas do Hamelet de Shakespeare.

Autor – E quem é você?

Marido – Eu sou um dos personagens da sua estória, tentando fazer teatro. Por quê?

Autor – Você não pode fugir de sua estória. Isso não é um monólogo. Cadê os outros personagens?

Marido – Eu já falei meu, estão lá fora, no mundo real.

Autor – Não pode ser. Estes personagens foram criados para a ilusão do espectador. Eles não estão preparados para o mundo real. Suas estórias vividas lá fora causariam revoltas e indignação... Você tem que me ajudar a encontra-los. Temos que fazê-los viver suas estórias dentro do teatro, caso contrário...

Vamos a cidade está correndo perigo.

Marido – Eu não quero ser esse personagem que você criou pra mim. Eu não quero fazer as coisas que ele faz.

Autor – Como não? O grande público precisa saber que existem pessoas como você.

Marido – Mas eles já sabem.

Autor – Mas eles precisam saber mais de perto, entrar em contato com essa realidade, nem que seja através de uma maldita e amaldiçoada peça de teatro. Agora vamos.

Marido – Não, eu não vou. Eu não quero me encontrar com eles.

Autor – Tudo bem, eu vou sozinho. Você deve ser o mais covarde de todos eles.

Marido – Um covarde não ousaria ensaiar Hamelet.

Autor – Se você fosse mais sensato não ousaria matar Hamelet.

Marido – Mas eu não mato Hamelet, eu represento Hamelet.

Autor – Você não representa ninguém, você por si só já é uma representação.

Marido – Buceta! Eu sei, mas eu quero tentar.

Autor – Deixa de ser covarde e vamos comigo.

(O Marido o agarra pelo pescoço)

Marido – Escuta aqui. Por que eu deixaria escapar a única oportunidade de mudar essa desgraça de vida.

(O autor se solta)

Autor – Ma você é o único que sabe o corpo que eles assumiram, criatura...

Marido – Não interessa. Você, mais do que ninguém conhece suas criaturas.

Autor – Está bem, vou procura-los sozinho. Esta sua idéia de representar outra estória lhe tira da situação de risco. Não saia deste teatro por nada. *(sai)*

Marido – Você vai ver, quando você voltar meu monologo já estará pronto, e aí eu quero ver quer me segura.

CENA 1

Vídeo

(Imagens dos personagens fugindo do teatro / diálogos na rua)

Traficante – *(para a grávida)* Por que ele não te mata aqui no mundo real, deve ser muito mais emocionante.

Grávida – É um covarde mesmo.

Moleque – Ficou porque quis, eu não ia ficar insistindo.

Traficante – Coitado, acaba na cadeia virando objeto, pedindo justiça.

Moleque – A partir de agora é cada um por si.

Grávida – Eu não quero ninguém vigiando minha vida. Vou fazer o que me foi escrito e já era.

CENA 2

Construção do Boteco

(Todos os atores entram em cena trazendo uma parte do boteco, enquanto montam o cenário, improvisam sons vocais, seguindo o pulso do samba).

CENA 3

O Boteco

(Abre a cena com o samba (1) ao vivo)

(Cenário: um balcão, uma prateleira com diferentes garrafas de pinga, uma mesinha de bar com três cadeiras).

(Em pé estão Zeca e Pedro, dois sambistas do bar tocando e bebendo cachaça).

(atrás do balcão está Ceará o dono do bar)

(Chega à grávida e vai até o balcão)

Grávida - Eu quero uma dose e um cigarro solto.

(Ceará sem dizer uma palavra, busca a pinga e o cigarro).

(Final do samba)

Zeca – Oi Dolina! Quanto tempo! Senta aqui com a gente.

Grávida – Eu não sou Dolina. *(acende o cigarro)*

Zeca – Mas parece...

Pedro – Rapaz parece mesmo, e Dolina tá grávida também.

Grávida – Eu não conheço essa Dolina. *(Vira a dose) (Pro Ceará) Completa a dose.*

Ceará – A senhora não pensa na criança, não?

(Samba 2)

Grávida – Qual criança? Ta enxergando alguma criança aqui. Não existe criança nenhuma. É tudo mentira. Esse filho não existe. Eu vou ficar grávida pra sempre. Eu vou ficar grávida pra sempre... *(Letra do samba)*

*(Enquanto o samba é cantado, entra a traficante e vai até o balcão para negociar com Ceará um ponto de drogas).
(os sambistas tocam baixinho para escutar a conversa)*

Traficante – Eu tenho uma proposta pra fazer pro senhor.

Dono do bar – Proposta?

Traficante – É, a grana cai na tua mão agora.

*(sobe o volume do samba)
(A traficante dá dinheiro para o Ceará pelo ponto de drogas)
(Chega um moleque de rua cheirando cola. Ele para em frente à mesa do samba e fica vidrado no movimento).
(Final do samba)*

Moleque – Uma boate de mulher pelada... Por que pararam de dançar? Por que estão vestindo as roupas?

Traficante – Escuta aqui ô cheira-cola de merda, se você continuar abrindo a boca dando uma de noiado, eu te prego o pé.

Moleque – A tia tá nervosa. Pensa um pouco no seu passado que passa.

Traficante – Some da minha frente, moleque.

Zeca – O moleque. O moleque vem cá. Ta com fome?

Moleque – Não.

Pedro – Esse negócio tira a fome da gente, né?

Moleque – *(dá risada)*

Grávida – Deixa o moleque.

(Ceará se aproxima)

Ceará – Some daqui moleque. *(toma o saquinho de cola da mão do moleque)* Vai procurar sua turma, vai. *(levando pra rua)*

Moleque – Não, não... devolve... *(seguindo o saquinho)*

(Risadas na mesa)

Pedro – Deixa o moleque Ceará.

Zeca – Só tem a gente aqui.

Ceará – Mas já tá na hora de começar aparecer mais cliente. *(se aproxima da mesa)* Tá vendo aquela moça ali?

Pedro – Faz programa?

Ceará – Não. Ela tem a branquinha.

Zeca – O, que beleza!

Grávida – Eu tô dentro da parada.

Pedro – Dolina, tu quer matar essa criança?

Grávida – Eu já disse que eu não sou Dolina, porra!

Zeca – Mas parece. Ceará, chama ela aqui na mesa.

Ceará – Moça, moça. Estão te chamando aqui.

Traficante – Pode falar.

Grávida – Táí com você?

Traficante – Claro que não. Eu não marco com o flagrante na mão. Tá mocado.

Zeca – Mas é pra hoje?

Traficante – Você ta me tirando pra otária. É claro que é pra hoje. Vai querer quanto?

Zeca – Por enquanto duas pra gente experimentar.

Traficante – One moment please.

(A traficante sai)

Zeca – Filezinho de borboleta do cacete!

Pedro – Sai dessa Zeca!

Zeca – Vai lá Pedrera, vem de ré que eu vou sem dó!

Pedro – Qualé rapa!

(Samba 3) (Durante o samba chega o autor segurando o moleque pelo braço)

Autor – Por acaso vocês conhecem este moleque?

(A grávida, ao ver o autor perguntando pelo moleque, foge para o banheiro).

Autor – *(pra grávida)* Ei você! *(para os sambistas)* A moça ta grávida?

Pedro – Calma aí chefia, o que você quer saber primeiro?

Autor – As duas respostas pra mim são importantes.

Pedro – Mas você não respondeu minha pergunta?

Autor – A moça ta grávida?

Zeca – É claro que Dolina está grávida. Você não viu o barrigão da bicha?

Autor – Da onde vocês conhecem ela?

Zeca – Essa Dolina a gente conheceu hoje.

Autor – E este moleque, vocês conhecem?

Zeca – Primeira vez que ele aparece no bar.

Autor – *(para o moleque)* Como é teu nome?

Moleque – Moleque.

Autor – Como te chamam?

Moleque – Me chamam de moleque.

Autor – É você mesmo. Olha pra mim, me escuta. Eu não sei como você saiu daqui de dentro, *(mostrando o texto)* e também não sei como vou fazer você voltar aqui pra dentro. Só sei que você precisa voltar comigo para o teatro. A vida aqui fora não tem sentido pra você.

Moleque – Mas eu to me divertindo.

Pedro – *(para o autor)* Vem cá, que papo estranho é esse? Quer dizer que o moleque saiu de dentro do papel?

Autor – Saiu. Eu não sei como, mas saiu.

Zeca – Eu acho que o senhor devia sentar, esfriar a cabeça, tomar uma pinguinha com a gente pra organizar essas idéias.

Autor – Não, eu não posso. Tenho que levar o moleque para dentro do teatro. Aqui fora ele está interferindo no destino de vocês e eu acho que não é pro bem. *(o autor puxa o moleque pelo braço)* Vamos!

Moleque – Eu não vou. Eles são legais. Já até me perguntaram se eu to com fome? Eu consigo me virar na rua.

(O autor toma o saquinho de cola da mão do moleque)

Moleque – Não, não... devolve... *(seguindo o saquinho)*

(O autor e o moleque saem de cena)

(Blecaute)

CENA 4

No Teatro

Marido – Mudei, pra continuar não entendendo muitas coisas. Estudei a geografia do Paraná para cair em suas terras mais seguro. O máximo que consegui, foi entender como se convive com diferentes expectativas. Então, corri atrás. Não ia ficar parado esperando todos inventarem estórias de aventuras, naquele momento eu já sabia que o maior pensamento estava na cabeça de quem o teve. Penso exatamente como manter tudo sob controle. Não quero engolir qualquer coisa, se meu tédio vem do que não é bom, não é bom pra mim, pensar muito. A concentração se arrasta para dentro de quatro paredes, e lá se debate, espremendo-se, exigindo sempre um pouco mais de coerência.

(O autor e o moleque chegam pela platéia, o moleque vem seguindo o saquinho de cola trazido pelo autor).

Autor – *(entregando o saquinho)* Toma! Aqui você pode. Fique aqui dentro, vou buscar as outras duas.

Marido – Ei, como você invade meu ensaio e não fala nada.

Autor – Não deixe o moleque fugir. *(sai)*

Marido – Pau no cu do caralho!

Marido – *(para o moleque)* Eu não falei que não era uma boa fugir pra rua. Chega aí moleque, eu deixo você participar da cena que eu tô criando, mó sussy esse negócio de teatro! Os cara vem aí, faz uns alongamento, obedecem um cara chato, ficam chamando ele de diretor. A meu, eu não tenho paciência não, se fosse comigo já levava na beija.

Moleque – E cadê os caras?

Marido – Os caras não sabem que eu to mocado aí no camarim, né. Fico observando eles lá do alto, escondido. Ou, você podia dividir a parada com o irmão, né?

(O moleque entrega o saquinho para o marido)

Marido – A gente faz uns laboratório muito loco!

(O marido cheira a cola)

Marido – *(entrega o saquinho para o moleque sob efeito da cola)* Ei moleque, moleque, o que será que passa dentro desta sua cabeça, em moleque?

(PLANO DE MEMÓRIA DO MOLEQUE)

Moleque – Eu não tenho família, saí de casa. Minha mãe é dessas puta que fica em boteco. Meu pai eu não conheço. Eu saí de casa porque eu não aceito que minha mãe leva os cliente dela lá pra casa. Fica aquela gêmeção, vai me subindo uma raiva, até que chegou o dia que eu explodi... Eu cheiro cola porque, porque...

CENA 5

Quem saiu do papel?

Zeca – Ceará, você entendeu alguma coisa?

Ceará – Não entendi nada.

Pedro – Será que o nosso samba da barato?

Zeca – Será? *(começa a tocar)* Então vamos fazer o Ceará ficar locão...

(samba 4)

(A grávida aparece e pede mais um cigarro no balcão)

(Logo em seguida a traficante aparece e entrega a droga para a grávida)

(A traficante pede uma dose para o Ceará)

(A grávida vai até a mesa entregar a droga)

(O samba é interrompido assim que ela joga as balas de cocaína em cima da mesa)

Zeca – O, que beleza!

Pedro – *(pra grávida)* Vem cá, você também saiu de dentro do papel?

Grávida – Saí, por quê?

Zeca – é o samba.

Pedro – *(pra traficante)* E você moça, também saiu de dentro do papel?

Traficante – Saí, por quê?

Pedro – Por nada, é só pra saber.

(enquanto isso a grávida abre a bala)

(Ceará se aproxima)

Ceará – Eu não ligo que usem esse tipo de coisa no meu bar, mas em cima da mesa é demais. Vai pro banheiro moça, pode chegar algum cliente.

Zeca – Vai lá Dolina, depois é a minha vez.

Traficante – Mais é uma vacilona, mesmo.

(a grávida vai até o banheiro)

(em seguida chega ao boteco uma estudante pesquisadora do samba)

Mônica – *(para o dono do bar)* Oi, boa tarde, eu sou estudante de música e estou fazendo uma pesquisa sobre o samba no morro e me indicaram este bar. Será que eu posso fazer algumas perguntas pro senhor?

Ceará – Não. Se quiser vai conversar com os moços ali da mesa. Eles tão desde manhã aí.

Mônica – Ta bom, obrigada. *(vai até a mesa dos músicos)* Oi, boa tarde!

Sambistas – Boa tarde!

Mônica – *(sentando)* Meu nome é Mônica, eu sou estudante de música.

Pedro – Música? Importante.

Mônica - E eu estou fazendo uma pesquisa sobre samba no morro e me indicaram vocês.

Zeca – O que o que o que o quê? Indicaram a gente! É mesmo é?

Mônica – Quem indicou foi o presidente da associação dos moradores do bairro, o seu Germano.

Pedro – Seu Germano é gente boa!

Zeca – Direto vem toma uma pinguinha aqui com a gente.

(chega a grávida)

Grávida – *(pra Mônica)* Você tá sentada no meu lugar.

Mônica – Opa, desculpa moça. *(levanta)* Nossa que barrigão. Está de quantos meses?

Grávida - Não te interessa.

(PLANO DE MEMÓRIA DA GRAVIDA)

Grávida – Comecei a beber e a fumar com treze anos. Nessa época já fazia uns programa pra ganhar uns troco. Chegava em casa quase toda madrugada vomitando até as tripa. Minha mãe? Ela ia me busca no boteco sim. Chegava partindo pra cima de mim, me arrebetando, mas quando ela partia pra cima de mim, eu partia pra cima dela também, porque minha raiva ninguém continha não.

(Repete o final da cena anterior)

Zeca – Direto vem tomar uma pinguinha aqui com a gente.

Grávida – *(pra Mônica)* Você tá sentada no meu lugar.

Mônica – Opa, desculpa moça. Nossa que barrigão. Está de quantos meses?

Grávida – Não interessa. *(senta)*

Zeca – *(pra Mônica)* Não se preocupa não moça, pode sentar aqui no meu lugar. *(levanta-se/ pra grávida)* Agora é minha vez. Passa pra mão Dolina. Passa pra mão Dolina.

Grávida – Não tem nada comigo não.

Zeca – O Dolina dá minha branca Dolina dá minha branca.

Grávida – Acabou.

Zeca – Puta que pariu! Ta jogando areia no zóio de ladrão.

(A traficante chega por trás e puxa a grávida pelos cabelos)

(A grávida cai de costas no chão)

Traficante – Escuta aqui o sua piranha preña... eu só quero saber como vai pagar o que você enfiou pra dentro.

Mônica – Que isso gente, a mulher ta grávida.

Traficante – Não te mete.

(Ceará se aproxima)

Ceará – Ou você larga o cabelo da moça ou eu ponho as duas a ponta pé pra fora.

(A traficante larga o cabelo da grávida e sai do bar)

(Mônica e Pedro a ajudam a grávida a sentar)

(Em seguida chega o autor)

Autor – O que aconteceu com ela?

Mônica – Ela brigou com uma travesti?

Autor – Travesti, vende drogas?

Mônica – Não sei. Ele fugiu.

Autor – Fugiu pra onde?

Mônica – Eu não sei. Quem está precisando de ajuda é ela.

Autor – *(pra grávida)* Onde você mora?

Pedro – Ela também disse que saiu do papel.

Autor – Você é o corpo da personagem da minha estória, não é? Não é?

Mônica – Não fale assim com ela, não vê que está precisando de ajuda?

Autor – Pode deixar, eu sei pra onde eu tenho que leva-la.

Mônica – Pra onde você vai levar esta mulher?

(O autor sai com a grávida nos braços)

Pedro – Ô rapaz, vai levar essa mulher pra onde?

CENA 6

A fuga do Marido

(No teatro, o marido e o moleque ensaiam).

(O marido está de salto alto rodando bolsinha)

Moleque – Mãe!!!

Marido – O que você está fazendo aqui moleque?

Moleque – Eu vim te tirar dessa vida mãe.

Marido – Que me tirar dessa vida, você ta ficando loco, volta pra casa.

Moleque – Eu não agüento mais ser chamado de filho da puta mãe.

Marido – O problema é seu. Agora volta pra casa, você está espantando meus clientes. Ele já ta indo embora viu moço. (da platéia)

Moleque – Vem comigo mãe. *(segura a mãe pelos braços)*

Marido – Me solta moleque, eu to trabalhando.

(O autor chega pela platéia com a grávida nos braços)

Autor – Mas o que é isso?

Marido – A gente ta fazendo um psicodrama. Eu to representando a mãe do moleque.

Autor – Você não percebe a situação real, sua esposa está morrendo, vocês tem que voltar pra dentro deste texto agora.

Marido – Agora não dá.

Moleque – É, agora não dá.

Autor – Então vou deixa-lá aqui, e vocês decidem o que vão fazer. Estou cansado desta brincadeira. *(vai saindo)*

Marido – Ei, espera aí. Por que essa mulher ta se contorcendo?

Autor – *(volta)* Esta mulher é sua esposa. Ela esta chapada de pinga e cocaína, e se vocês não fizerem nada, ela vai perder a criança. *(sai)*

Marido – Lazarenta! Encheu o bucho de pinga, cheiro que nem uma vaca. Ta doidona tá, pois vai aprender a não dar trabalho pros outros.

(O marido começa a apertar o pescoço da grávida)

Moleque – Não, deixa ela. Vamo aproveita que o homem foi embora e vamo fugir pra rua, lá é legal, vamos...

CENA 7

O destino da traficante

(Abre a cena com o samba 5) (Carmelita a prostituta do boteco toma conta do balcão, Ceará não está no boteco)

(a Mônica deixa um gravador em cima da mesa para gravar o samba)

(final do samba)

Pedro – Você está gravando a nossa música?

Mônica – Estou. Posso?

Pedro – Pode.

Mônica – De quem que é a letra desse samba?

Zeca – É minha!

Mônica – Estou falando com o próprio compositor, que maravilha!

Pedro – Que nada moça, este samba não é dele nem aqui nem na china.

Zeca – Qual que é Pedrera, você vive cantando minhas música e agora diz que não são minha...

Pedro – Samba não tem dono não, moça. Ele é criado no morro e roubado pela cidade.

Zeca – Isso é verdade. Já roubaram umas par de letra minha. Pode bota dentro desse troço aí.

Carmelita – *(no balcão)* O movimento ta fraco hoje, só tem bunda mole nesse boteco.

Zeca – Olha quem chegou! Carmelita fogo na brasa! O que fazes aqui?

Carmelita – O Ceará teve que dar uma saidinha e me pediu pra cuidar do bar.

Zeca – Não queres tomar uma branquinha com a gente?

Carmelita – Eu sei que vocês podem me oferecer algo muito melhor.

Zeca – Mas é claro. O Pedrera, cadê aquela traficantezinha da branquinha em pó?

Pedro – Rapaz, o ela lá na esquina, rebolando aquele cu seco dela. Desculpa moça, saiu sem querer.

(Zeca vai até a porta do boteco)

Mônica – Não foi nada, mas Branquinha é pinga, não é?

Pedro – É pinga.

Mônica – Existe pinga em pó?

Pedro – Existe, só que você demora mais pra ficar bêbado.

(Zeca leva as balas até a mesa)

Zeca – *(entregando a bala para o Pedro)* Toma, já tá pago.

Pedro – Eu to sossegado. Quer experimentar moça.

Mônica – Ah, eu quero.

(Zeca vai pro banheiro)

Pedro – Só que esta aqui o Ceará não deixa experimentar na mesa, tem que ir pro banheiro.

Mônica – Ah, não. Pode deixar. Eu prefiro experimentar esta daqui mesmo.

Pedro – Então daqui, que eu já sei o que eu vou fazer com ela. *(levanta-se e vai até o balcão)*

Carmelita – *(pra traficante)* Você é nova por aqui?

Traficante – Sou, mas meu movimento é outro.

Carmelita – Então você está no lugar errado querida. Esse ponto já tem dona.

Traficante – Fique sabendo queridinha, que eu paguei por esse ponto, tá.

(Na mesa)

Mônica – É forte, né?

Pedro – Depende.

Mônica – Pra mim é forte. *(ligando o gravador)* Então, será que eu posso fazer algumas perguntas pra você?

Pedro – Pode.

(chega o Zeca)

Zeca – Tá liberado.

Pedro – A moça me dá uma licença que eu vou no banheiro.

Mônica – Pode ficar a vontade.

(O Zeca afina o violão)

Pedro – *(para Carmelita que está no balcão)* E aí Carmelita, tá afim? *(mostrando a bala de cocaína)*

Carmelita – Eu to!

Pedro – Te dou em troca de uma toca bem gostosa.

Carmelita – Eu topo! Da onde veio?

Pedro – Do traveca aí do lado. *(referindo-se a traficante que continua no balcão)*

Carmelita – Ah, agora entendi o movimento. Quero ver se é da boa mesmo. Zeca, cuida do balcão pra mim. Hoje o bar ta cheio de gente estranha...

Traficante – *(agarra a Carmelita pelo braço)* Escuta aqui sua puta mal amada. Eu te arrebento se continuar desconfiando da minha pessoa.

Carmelita – Ai, me solta.

Pedro – É melhor baixar a bola. Você chegou por último aqui.

(A traficante solta o braço da Carmelita)

Carmelita – *(na porta do banheiro, para a traficante)* É bom tomar cuidado, por que aqui você não está na sua área, laranjinha de merda. *(entra no banheiro com Pedro)*

Traficante – Puta que me pariu eu mato essa filha da puta. *(sai do bar)*

Mônica – Ela é nervosa, né?

Zeca – É bom ficar na sua viu moça.

Mônica – Você sabe tocar aquele samba que fala da vida no morro, aquele...

Zeca – Eu acho que você está falando deste aqui... *(samba 6)*

(o autor chega vai até a mesa e interrompe o samba)

Autor – Me desculpem. O que eu tenho pra dizer é muito importante.

Zeca – Rapaz, interrompeu meu samba de novo.

Mônica – É sobre a grávida? Ela está bem?

Autor – Sim, ela está bem. É sobre uma travesti.

Zeca – O senhor é da policia? Nem adianta perguntar nada, porque aqui a gente vive na lei do silêncio.

Autor – Eu não sou da policia. Eu preciso encontrar a traficante que saiu da minha estória.
(mostrando o texto)

Zeca – Rapaz senta aqui. Agora você vai contar essa estória direito... esse negócio de saiu do papel...

(O autor senta)

(Em seguida chega a traficante e se escora no balcão)

Zeca – Acabou de chegar quem o senhor ta procurando.

Autor – É ela?

(Pedro sai do banheiro e passa pelo balcão)

Pedro – *(pra traficante)* E aí meu bem, ta mais calminha?

Traficante – Tira a mão de mim.

(PLANO DE MEMÓRIA DA TRAFICANTE)

Traficante – O que queu sei do mundo? O que quecê sabe? A única diferença é que agora é ocê que ta aí me olhando, né? Sabe que cê faz com seu diploma de doutor, com seu carrinho do ano, com sua esposa submissa... pega, dobra e enfia... qué o queu vô faze com a raiva que eu to sentindo agora.

(Repete o final da cena anterior)

Pedro – E aí meu bem, ta mais calminha

Traficante – Tira a mão de mim.

(na mesa)

Zeca – Ela também disse que saiu do papel.

Mônica – Como assim saiu do papel?

Pedro – E aí chefia! (dá a mão pro autor)

Zeca - Ué, cadê a Carmelita?

Pedro – Ficou no banheiro provando o resto da pinga.

(A traficante ouve e vai até o banheiro)

Autor – Onde é que ela foi?

Zeca – Ali é o banheiro.

(Ouve-se uma discussão seguida de tiro)

Pedro – Carmelita!

(O autor e os sambistas correm para o banheiro, Mônica foge com medo)

(O autor aborda a traficante na porta do banheiro e os sambistas entram para saber da Carmelita)

Autor – *(para a traficante)* Você precisa vir comigo. Se quiser se salvar você tem voltar para o teatro, antes que a policia te prenda.

Traficante – Mas a policia não me prende na sua estória.

Autor – Mas aqui não é a minha estória, aqui é real. Agora vamos *(A traficante foge junto com o autor para o teatro) (Ceará chega ao bar)*

(Zeca e Pedro saem do banheiro)

Pedro – Já era.

Zeca – É Ceará, vai ter que arrumar outra puta pro seu bar, a Carmelita já era.

CENA 8

Depoimento da Mônica pra polícia

Mônica – Não, eu não sai do papel. Aliás, que estória é essa de saiu do papel? Não, eu não conhecia ninguém. Eu fui lá pra coletar material pro meu trabalho de faculdade. Eu ouvi o tiro e saí correndo, eu não vi nada, eu não sei o nome de ninguém, eu não sei de nada, eu nunca mais vou voltar lá.

CENA 9

Criatura X Criador

(No teatro o Marido e o moleque encobrem o corpo da grávida com um lençol)

Marido – Um parto sem o choro da criança não é a mesma coisa.

Moleque – Eu sei imitar criança chorando.

Marido – Beleza! Então eu faço o parto.

(o marido vai pra debaixo do lençol ensaiar o parto e o moleque tenta imitar o choro de uma criança)

(chegam o autor e a traficante pela platéia)

Autor – Mas o que está acontecendo aqui?

Marido – A gente ta fazendo a cena do parto com a mãe já morta.

Autor – Não é possível, vocês deixaram ela morrer...

Traficante – Por que o espanto, este não foi o fim que você escreveu pra ela?

Autor – Mas era pra ser teatro, fantasia, ilusão...

Marido – É o que a gente ta fazendo, vamos usar o corpo dessa mulher pra cena que eu e o moleque tamo montando. Não é moleque.

Moleque – É.

Autor – E depois... E depois... O que vão fazer com o corpo dessa mulher?

Moleque – È só jogar na valeta.

Autor – Isto não é verdade. Nada disso está acontecendo.

Traficante – Como não está acontecendo se foi você mesmo que criou a gente com estas estórias desgraçadas de vida. Se você quer um final feliz, então por que escreveu que o moleque volta pra rua e morre atropelado em uma BR de tão chapado, por que escreveu que o marido vai preso por espancar a mulher até a morte, por que me fez existir como uma traficante que sai matando as pessoas por motivos idiotas. Por que não escreveu um final feliz? Por quê??

(Desmontando o boteco os atores cantam juntos)

“Adeus, Adeus

Meu pandeiro do samba tamborim de bamba já é de madrugada

Vou-me embora chorando

Com meu coração sorrindo

E vou deixar todo mundo

Valorizando a batucada

Em criança com samba vivia sonhando

Acordava estavas tristonho chorando

Jóia que se perde no mar

Só se encontra no fundo

Samba mocidade

Sambando se goza deste mundo

E do meu grande amor

Sempre me despedi sambando

*Mas da batucada agora me despeço chorando
Guardo no peito esta lágrima sentida*

*Adeus batucada
Adeus batucada querida”*

FIM